



Desenhando a identidade de gênero na educação física escolar

Sissi A. Martins Pereira¹

Ludmila Mourão²

Resumo

A pesquisa buscou investigar a construção das relações de gênero, durante o processo educativo e o sexismo nos jogos e brincadeiras de meninos e meninas, através da interpretação dos desenhos infantis. A partir de uma abordagem etnográfica observou-se alunos(as) de 2^ª e 3^ª séries do Ensino Fundamental, através da observação participante e realizou-se a análise de 47 desenhos feitos pelas crianças, que foram classificados em três categorias, relacionadas à percepção sobre o sexismo, nas atividades lúdicas: (1) separadas por sexo; (2) em confronto entre os sexos; (3) mistas. Verificou-se que a maioria das crianças representou, no desenho, seus agrupamentos divididos por sexo, e pela ocupação diferenciada dos espaços destinados a meninos e meninas. Observou-se, nos espaços de recreação, que as professoras são tolerantes às práticas sexistas na escola, na medida em que não interferem e não discutem tais representações com as crianças, perpetuando, na educação, comportamentos associados às diferenças de gênero. Os resultados da análise dos desenhos nos mostram que as dinâmicas e práticas escolares mantêm as desigualdades de gênero nas práticas corporais, reforçando nas experiências lúdicas infantis jogos e brincadeiras adequados a cada sexo. E, na representação das professoras, em geral, o peso da reprodução dos padrões tradicionais e conservadores presentes se fazem, persistem em uma pedagogia que se mantém ajustada à exclusão de meninos e meninas, se considerarmos a diferença de gênero.

Palavras-chave: gênero, jogos infantis, brincadeiras infantis, desenhos infantis.

¹ Prof^ª, Dr^ª do Departamento de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

² Prof^ª, Dr^ª, da Graduação e da Pós-graduação em Educação Física e Cultura da Universidade Gama Filho.

Abstract

The research tried to investigate the relationship of genre during the educational process and the sexism of games and plays of boys and girls through the interpretation of children's drawings. From an ethnographic approach students from second and third grades of Primary school were observed through participant observation and analyzed 47 drawings made by the children, which were classified in three categories related to the perception of sexism in leisure activities 1) separated by sex; 2) in a confrontation between the sexes; 3) mixed. It was observed that most of children portrayed in their drawings their groups divided by sex; and by separated occupation of spaces by boys and girls. It was observed that in the spaces for recreation, teachers are tolerant to sexist practices at school, because they do not interfere and do not discuss such behaviours, allowing the continuation of their behaviours associated to genre. The results of the analyses of the drawings show that the dynamics and school practices keep the inequalities of genre in the games, reinforcing the uses of games adequated to each sex. And, in relation to the teachers, in general, traditional and conservative standards persist in a pedagogy, which is kept to the exclusion of boys from girls, if we consider the differences in genre.

Key-words: genre - children's games and plays - drawings

Introdução

A educação tem um papel importante na construção da história pessoal do indivíduo. Além da organização e sistematização intelectual, a escola orienta e constrói comportamentos, socializando-os, disciplinando-os e, por vezes, diferenciando as práticas corporais de meninos e meninas. Pretende-se discutir neste artigo o cotidiano escolar, investigando a construção das relações de gênero, nos jogos e brincadeiras e até que ponto a diferença neste cenário é sustentada pela exclusão de meninos e meninas dos mesmos. Esta tarefa se realizará, através da interpretação dos desenhos das crianças.

De acordo com Sales (2002) a escola "produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino". A autora argumenta que as crianças:

Quando entram ou saem das salas de aula, ou quando estão se dirigindo ao recreio e à merenda, são organizadas em filas separadas de meninos e meninas; na sala de aula sentam-se separadas, mesmo quando há mesas que permitem sentarem-se em grupos [...] Nessas condições, de estarem sempre sendo incentivadas a separarem-se, as crianças, mesmo quando estão livres, como no caso do recreio, brincam separadas. Essas experiências vividas pelas crian-

ças vão contribuindo para que elas, aos poucos, possam identificar-se a uma determinada forma de agir socialmente relacionada aos diferentes gêneros (p. 79).

Já não é mais possível desprezar as situações que nos colocam frente a imprevistos e desafios, a escola hoje está cercada de incertezas e transitoriedades, que se transformam em marcas do nosso tempo. Acredita-se na capacidade dos educadores e educadoras de assumir os riscos e a precariedade de suas posições, admitir os paradoxos e as dúvidas, como situações próprias do seu cotidiano e trabalhar sem pretender dar soluções definitivas para os problemas, mas ensaiando suas respostas. Segundo Louro (2003), “novas” identidades culturais obrigam-nos a reconhecer que a cultura, longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa e descontínua, desta forma as questões sociais e comportamentais precisam ser inseridas e discutidas no fazer pedagógico.

Não se pode negar que, na escola, existem expectativas por parte dos professores com relação ao comportamento dos meninos e das meninas. As tensões entre as concepções construcionistas e as essencialistas³ de identidade estão presentes na escola e justificam a adoção de orientação docente que admite mais agitação e agressividade de meninos e mais delicadeza e tolerância das meninas.

O processo educativo em geral e o escolar em específico têm grande importância na naturalização de uma situação que é socialmente construída [...] serve para formar a personalidade das pessoas, transmitir valores, determinar proibições, enfim, modelar a identidade [...] Na escola o “bom” é identificado como sossegado, obediente, acomodado, e o mau, com os seus contrários. As mulheres equivalem às primeiras qualidades e, em consequência, o rótulo de boas alunas, por sua vez, também são tidas como choronas, servis e dóceis. Enquanto que o “mau”, identificado com o perfil masculino, também é o corajoso, o autônomo e o criativo (PASSOS, 1999: 84).

As diferenças de gênero podem se manifestar muito cedo, a partir do terceiro ano de vida a criança é capaz de fazer distinções de gênero (SOUZA e RODRIGUES, 2002), mas os comportamentos que diferenciam o masculino e feminino estão bastante presentes em crianças, após os 6 anos de idade. Durante as atividades lúdicas, característica da primeira fase de escolaridade no Ensino Fundamental, os meninos geralmente preferem brincar entre si e consideram as meninas menos hábeis. A grande maioria deles elege brincadeiras mais agitadas e mais agressivas como as preferidas e em contrapartida, as meninas preferem os jogos ou brincadeiras com menor contato físico e mais calmos. Essas ‘preferências’, muitas vezes, estão presentes na cultura e constroem significados no

³ Para aprofundar a discussão sobre as concepções construcionistas e essencialistas de identidade, ver Tomaz Tadeu da Silva, 2000, na obra *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora Vozes, Petrópolis.

comportamento das crianças. Neste sistema de representação esses jogos e brincadeiras funcionam como práticas de significação e sistemas simbólicos pelos quais os significados são produzidos, posicionando os sujeitos.

Diferenças nos gestos e habilidades motoras, entre meninos e meninas, torna-se observável nos primeiros anos de vida escolar e o que se avalia sobre esta construção é que a vivência corporal praticada pelos meninos, tais como, jogar bola, subir em árvores, soltar pipa, prepara melhor seu desenvolvimento motor geral. Já as praticadas pelas meninas, que concentram suas brincadeiras em representações miniaturizadas do cotidiano doméstico, como brincar de casinha e de boneca, proporcionam, principalmente, um bom desenvolvimento emocional e de coordenação motora fina, mas ficam aquém das expectativas de desenvolvimento motor amplo, quando comparadas com os meninos. Segundo Silva, (2000) é por meio dos significados produzidos pelas representações, que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos, sendo assim, podemos inclusive sugerir que os sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. Desta forma, as atividades lúdicas realizadas na infância, enquanto processo de educação e cultura, formam identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos em que elas se baseiam – jogos e brincadeiras – fornecem respostas para a localização social do indivíduo, lugar de onde se posiciona e fala.

Os papéis de gênero são, primeiramente, deflagrados na família e, posteriormente, reforçados pelas instituições. Como diz Bourdieu (2002: 103): “o trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais: a família, a igreja e a escola, que objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”.

Observa-se que os meninos, como podemos acompanhar na fala de Louro (1999), constroem sua trajetória, experimentando e treinando na escola seus papéis sociais masculinos.

Para um garoto (mais do que para uma garota) tornar-se um adulto bem sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser “muito bom” em alguma área. O caminho mais óbvio, para muitos, é o esporte (no caso brasileiro o futebol), usualmente também agregado como um interesse masculino obrigatório. Para construir um corpo vitorioso no esporte, colocam-se em ação técnicas, exercícios, adestramentos, disputas, enfrentamentos (p. 23).

Nas atividades motoras, nos esportes e mais especificamente no futebol, a dominação masculina é muito marcante desde a infância: geralmente os meninos monopolizam o jogo, selecionam quem vai fazer parte do time e, se houver a participação de alguma menina, provavelmente, será comparada a um homem. Essa representação é tão presente na cultura brasileira que o assunto é discutido nos Parâmetros Curriculares Nacionais: “[...] com relação à habilidade das meninas para jogar futebol, é comum surgirem frases como: ‘ela joga bem, parece até um homem jogando’, ‘aquela menina é meio macho, olha como ela joga bem, pode até jogar com a gente’”. Observa-se neste sistema de representações, apontado

pelos documentos oficiais, que a habilidade corporal nos esportes, em nossa cultura, ainda é tida como coisa de homem e confundida com a sexualidade, sobretudo das meninas ou mulheres, quando se identificam com práticas esportivas e, em especial, com o futebol. Esse tipo de referência na cultura corporal do movimento deve ser desmistificada pela escola. Diante destas situações é relevante trabalhar no sentido de desvelar as questões relativas às práticas corporais de meninos e meninas e seus espaços de brincadeiras e jogos na escola, tentando compreender como meninos e meninas estão construindo suas identidades de gênero e se identificando com elas (Woodward, 2000).

O estudo

Este artigo apresenta um estudo que discute o gênero nas atividades lúdicas e motoras, presentes nos espaços recreativos escolares nas turmas de 2ª e 3ª série do Ensino Fundamental, do Centro de Apoio Integral à Criança – CAIC – localizado na cidade de Seropédica, no estado do Rio de Janeiro. Foram realizadas, durante um semestre, pelo menos uma vez por semana, observações das aulas e dos horários de recreação e a análise dos desenhos das crianças sobre ‘Meninos e meninas nas aulas de Educação Física e na Recreação’. Partiu-se do princípio de que o desenho, como um dos meios de comunicação e expressão simbólica natural do ser humano, enfatiza valores, hábitos e atitudes. Este é um recurso muito apropriado para a interpretação de como a criança vê e percebe o seu cotidiano. Para Gobbi (2002: 86) professores que trabalham com crianças utilizam o desenho, geralmente, como uma forma de ocupação do tempo livre, sem perceberem que “o desenho da criança pequena é apontado como possibilitador de um maior aprofundamento sobre como crianças pequenas percebem e representam o mundo no qual estão inseridas”.

O desenho conta, também, a quem pode entender, o que nós somos no momento presente, integrando o passado e nossa história pessoal. O desenho conta sobre o objeto; ele é a imagem do objeto e se inscreve entre numerosas modalidades da função semiótica: ilustrar, desenhar, fazer o sentido com os traços, quer dizer com outros sinais ou com as imagens de tais objetos, que são, muitas vezes, difíceis de dizer ou descrever com as palavras. O desenho é um suporte onde se misturam e se cruzam os valores do objeto e os valores da pessoa (GRUBITS, 2003).

A interpretação dos desenhos se baseou nos aspectos expressivos do desenho infantil. Foram analisados os seguintes elementos: a identificação dos bonecos masculinos e femininos, as atividades às quais estavam inseridos, os agrupamentos, o espaço de ocupação das figuras na folha, o tamanho das figuras de meninos e meninas, os detalhes que caracterizavam o sexo dos bonecos e os movimentos realizados por eles.

Foi pedido para que cada criança fizesse um desenho sobre o tema “Meninos e meninas nas aulas de Educação Física e na recreação”. Num total de 47 desenhos, 27 são de meninos e 20 são de meninas. Na 2ª série contamos

com 15 desenhos de meninos e 14 de meninas, e na 3ª. série com 11 de meninos e 06 de meninas.

Desenhos	Meninos	Meninas
2a. série	15	14
3a. série	11	6
Total	27	2

Apresentação dos desenhos e suas análises

Os desenhos foram organizados em três grupos para análise: o primeiro apresenta os desenhos que separam meninos e meninas (grupo A), o segundo é composto pelos desenhos que apresentam crianças de ambos os sexos brincando juntas, porém meninos contra meninas e vice-versa (grupo B), e no terceiro grupo estão os desenhos de crianças de ambos os sexos, brincando e jogando juntas (grupo C).

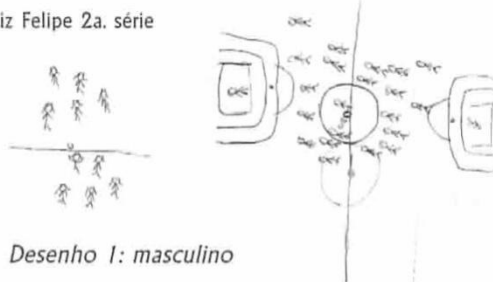
Neste trabalho, os desenhos confirmaram a predominância de um dos sexos em determinadas atividades motoras, sendo apontada tanto por meninos quanto por meninas, o que nos faz concluir que ambos têm muita semelhança na forma como representam os jogos e brincadeiras apropriados para um ou outro, ou para ambos os sexos.

Os desenhos das crianças demonstram uma maior flexibilidade das meninas, na participação em brincadeiras e jogos mistos. Das 20 meninas, 14 desenharam crianças de ambos os sexos, brincando juntas de pular corda, queimado, pique, bambolê, porém quando analisamos especificamente o jogo de futebol, observamos que 7 meninas desenharam apenas figuras masculinas participando do jogo.

Os desenhos feitos pelos meninos sugerem o domínio masculino no campo de futebol. A maioria desenhou apenas figuras masculinas nessa atividade, ou seja, dos 27 desenhos, 16 mostram apenas o sexo masculino jogando futebol. Este fato corrobora com os depoimentos e as observações feitas no CAIC os quais os meninos, além de monopolizarem o campo de futebol, não permitem que as meninas participem desse jogo por considerá-las desajeitadas.

Desenhos do Grupo A - Separação entre os sexos

Luiz Felipe 2a. série



Desenho 1: masculino

O desenho 1 expressa a marca da separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Eles jogam futebol no campo, elas jogam queimada em outro lugar. O espaço ocupado pelos meninos, no desenho, é maior do que o ocupado pelas meninas.

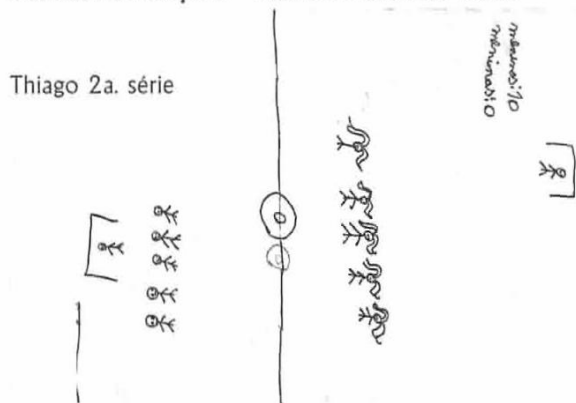


Desenho 2: feminino

No desenho 2 meninas pulam corda e meninos jogam bola. O espaço dos meninos é delimitado por um retângulo, que sugere o campo de futebol e a separação do local de atividades das meninas. Um detalhe interessante se refere aos símbolos ligados à feminilidade (cabelos longos, vestidos, flores, coração) presentes em alguns desenhos de meninos e meninas, principalmente para identificar a figura feminina. Esta característica nos remete às idéias de Passos (1999) ao afirmar que a divisão sexual não se origina de características biológicas, são adquiridas culturalmente e transmitidas através da educação, seguindo os modelos sociais. Nestes modelos "as imagens de homens e mulheres são muito definidas e a separação entre os sexos estabelecida" (PASSOS, 1999: 84).

Alguns desenhos mostram que há uma constante "guerra" entre os sexos, pois em alguns jogos, as crianças demonstraram uma certa rivalidade, ou seja, jogam juntos, porém contra. Este detalhe pode ser observado em 3 desenhos feitos pelas meninas e 6 feitos pelos meninos.

Desenhos do Grupo B - Confronto entre os sexos



Desenho 3: masculino

O desenho 3 apresenta uma interação entre os sexos, porém meninos e meninas se confrontam no jogo. Percebem-se dois detalhes interessantes: o goleiro do time feminino é um menino e, de acordo com o placar, as meninas estão perdendo.

Através da observação das aulas de Educação Física e dos momentos de recreação livre, pode-se verificar a rivalidade entre meninas e meninos que, muitas vezes, levava a um confronto entre eles. Essa atitude foi retratada nos desenhos do grupo 2, principalmente pelos meninos.



Desenho 4: feminino

De acordo com o desenho 4, meninas pulam corda, meninos jogam futebol e meninas e meninos brincam de bandeirinha, e elas vencem. Há uma separação na utilização do espaço das atividades. Este desenho foi classificado em dois grupos: grupo A - separação entre os sexos, no caso do futebol e da corda, e grupo B - meninos e meninas brincam juntos, mas confrontando-se, na brincadeira de bandeirinha.

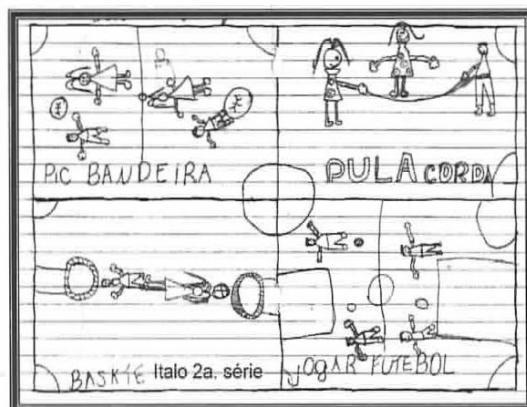
Durante a interpretação de todos os desenhos, pode-se observar que as meninas desenharam figuras do seu próprio sexo mais acabadas e, algumas vezes, maiores. Hammer (1981) aponta que muitas pesquisas realizadas sobre o desenho da figura humana mostram que a grande maioria das pessoas desenha, em primeiro lugar, uma figura do seu próprio sexo. Observando-se todos os desenhos realizados pelas crianças, três meninas omitiram a figura masculina do desenho.

Um fato importante a ser registrado se refere aos espaços de brincadeira da escola, que são bem socializados. Durante a observação das aulas de Educação Física e do horário de recreação, pode-se constatar a democratização no uso da quadra, ou seja, várias atividades aconteciam ao mesmo tempo. Enquanto um grupo jogava queimada no centro da quadra, outro grupo jogava futebol em volta e, às vezes em meio ao primeiro jogo, sem que houvesse desavenças.

Porém, o campo de futebol sempre estava monopolizado pelos meninos, em momento algum foi vista a sua utilização pelas meninas. Este fato pode ser constatado nos desenhos das crianças.

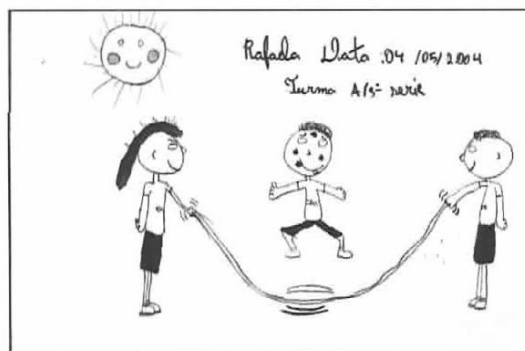
A participação mista na brincadeira de corda é incentivada pelos professores de Educação Física, mas algumas crianças classificam-na como uma atividade feminina, fato observado em alguns dos desenhos feitos pelos alunos.

Grupo C - atividades mistas



Desenho 5: masculino

De acordo com o desenho 5, meninos e meninas brincam juntos de pular corda, bandeirinha e basquete. As linhas separam os espaços lúdicos. Nas atividades mistas há oportunidade de interação, mas no futebol não há presença feminina, o que nos leva a concluir que, na representação deste e de vários alunos (as), esse jogo é considerado essencialmente masculino.



Desenho 6: feminino

O desenho 6 foi o mais interessante de todos. Apresenta uma menina e dois meninos pulando corda, juntos. A figura feminina se diferencia da masculina pelos cabelos longos. O desenho transmite a noção de movimento, através dos detalhes dos traços do menino que está pulando e dos braços das crianças que estão batendo a corda.

A classificação de todos os desenhos está resumida na tabela, a seguir que apresenta as informações observadas sobre a frequência dos desenhos, nos três grupos: crianças separadas por sexo, juntas, porém jogando contra, e juntas sem conotação competitiva.

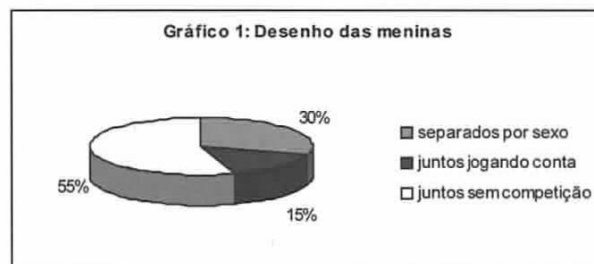
Tabela 2: Frequência de desenhos nos três grupos

Grupos	Meninos		Meninas	
	2ª. série	3ª. série	2ª. série	3ª. série
Separados por sexo	7	9	4	2
Juntos, jogando contra	6	-	2	1
Juntos sem competição	3	2	8	3
Total	27		20	

Analisando a tabela 2, observa-se que os meninos, tanto da 2ª. quanto da 3ª. série, realizaram desenhos que transmitiam a idéia de que os sexos deveriam brincar separados (sete da 2ª. série e nove da 3ª. série), ou em confronto (seis da 2ª. série). Já as meninas representaram, em sua maioria, crianças brincando juntas (oito da 2ª. série e três da 3ª. série).

Os gráficos a seguir apresentam a porcentagem dos desenhos em cada grupo, observando que os meninos apresentaram uma frequência maior, nos desenhos representados, pela separação entre os sexos (59%). Em contrapartida, as meninas representaram mais desenhos no grupo de interação sem competição (55%).





A marca dos papéis sexuais definidos pela sociedade esteve presente em todos os contextos de discussão desse estudo e, em concordância com Guizzo (2003), pode-se perceber “o quanto meninos/as são regulados/as para que se tornem adultos, com determinadas condutas e posturas ‘socialmente aceitáveis’, principalmente aquelas referentes a gênero e sexualidade” (p. 54). Segundo Bourdieu (2000: 18):

o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os seus biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres.

Apesar da sociedade estar em transformação, principalmente referente às novas demandas e evidências de mudança de comportamento social atribuídas a homens e mulheres, a prevalência de estereótipos sexuais como normas sociais adequados a determinados papéis masculinos e femininos, são progressivamente incorporados nas percepções das crianças (RADICE, 1987). Corroborando com a idéia, através de uma discussão sobre a segregação sexual na interação de crianças, Souza e Rodrigues (2002) alertam que é em meio ao processo de interação, baseado na separação entre os diferentes sexos, que a criança desenvolve, dentre outras coisas, diferentes padrões de comportamento que irão persistir durante toda a sua vida. Entretanto, podemos perceber também que a identificação é um processo de articulação, uma sobredeterminação e não uma subsunção, pois nunca existe um ajuste completo. Como todas as práticas de significação as atividades corporais como o jogo e a brincadeira também estão sujeitas ao jogo da diferença, Hall (2000).

Considerações finais

Neste trabalho, os desenhos confirmaram a predominância de um dos sexos em determinadas atividades motoras, sendo apontada tanto por meninos quanto por meninas, o que nos faz concluir que ambos têm muita semelhança na forma como representam e demarcam as fronteiras simbólicas, nos jogos e brincadeiras apropriadas para um ou outro, ou para ambos os sexos.

Os desenhos apontaram a presença de efeitos de fronteira, na prática motora, no cotidiano escolar. A representação dos espaços delimitados, a diferenciação dos jogos e brincadeiras para um ou outro sexo, o confronto entre meninos e meninas e os poucos desenhos, apresentando crianças interagindo juntas sem competição, constroem a representação da maioria das crianças participantes desse estudo de que o universo lúdico masculino deve ser diferente do feminino.

Observou-se que, dentre outras atividades, tanto meninos quanto meninas, classificaram o futebol como um jogo exclusivamente para os homens. Esse fato foi também verificado por alguns estudos como os de Spinelli (2003), Pomar e Neto (1997) e Altmann (2002).

Além de estarmos atentos quanto à presença do sexismo em determinadas práticas motoras, também precisamos refletir sobre os preconceitos que estão nos meandros dessas práticas. Citamos o futebol, pois este apareceu, em todos os momentos do contexto da pesquisa, como predominantemente masculino. Mas, para além do futebol extrapolam-se atitudes e comportamentos carregados de estereótipos e preconceitos.

Temos a tendência de considerar natural o que é o masculino e o feminino, mas as figuras do homem e da mulher, no entanto, não se restringem absolutamente à condição do ser macho e do ser fêmea, ou seja, ultrapassam esses limiares. Trata-se, com efeito, de construções sociais e culturais de grande complexidade, modeladas por regras e códigos simbólicos meticulosos. A dicotomia preconceito versus cidadania tem-se apresentado como uma das questões mais inquietantes, na contemporaneidade. E o desafio urgente que se impõe aos educadores é o de fomentar, já nos bancos escolares, uma "ética à tolerância" entre as pessoas, compatibilizando democraticamente o peso de suas diferenças, ou seja, "introduzir uma convivência de realidades plurais" (IBERNÓN, 2003).

Para haver mudanças significativas, baseadas no respeito mútuo entre homens e mulheres, é preciso iniciar as transformações na infância, através da educação formal e informal, levando-se em consideração as realidades plurais do ser humano e o respeito às diferenças. Deve-se entender que as diferenças físicas e biológicas entre homens e mulheres não podem fomentar a idéia de superioridade de um ou outro sexo. Ser cidadão significa conviver com as diferenças, valorizar, respeitar e ser respeitado, pois cidadania não tem sexo.

Referências

- ALTMANN, Helena. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. *Motus Corporis*. Rio de Janeiro: UGF, v. 9, n. 1, p. 9-20, maio 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DI LEO, Joseph H. *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- GUIZZO, Bianca S. Discutindo gênero e sexualidade na educação infantil. *Pátio*. Porto Alegre: Artmed, a. VII, n. 27, p. 54-57, ago/out. 2003.
- GRUBITS, Sonia. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. *Psicol. estud.* vol. 8, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-7372. Acesso em: 20 jul 2004.
- HAMMER, E. F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- IBERNÓN, Francesc. O direito à diferença como enriquecimento educativo e social. *Pátio*. Porto Alegre: Artmed, a. VII, n. 28, nov/2003.
- LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira L. et al. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MELLO, Leila Mara P. S. *Gênero e suas Implicações no desempenho psicomotor e desempenho escolar entre meninos e meninas do 1º Ciclo do Ensino Fundamental*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana). Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Castelo Branco.
- MEYER, Dagmar E. *Gênero e educação: teoria e prática*. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane F. e GOELLNER, Silvana V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PASSOS, Elizete. A resistência dos estereótipos sexistas no ensino superior das regiões norte e nordeste. *Universidade social*. Brasília, v. 9, n. 20, 83-88, set/dez. 1999.
- POMAR, Clarinda e NETO, Carlos. Percepção da apropriação e do desempenho motor de gênero em atividades lúdico-motoras. In: NETO, Carlos. *Jogo e desen-*

volvimento da criança. Lisboa: FMH, 1997.

RADICE, Janine. Papéis sexuais no nordeste do Brasil: sua desejabilidade e possíveis conseqüências para a auto-realização da mulher. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, v. 5, n. 1, p. 93-105, Jan/Jun, 1987.

SALES, Lílian S. Escola mista, universo dividido: identificações de gênero entre crianças de uma escola em Belém (PA). *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Educação de Gênero. Niterói: UFF*, v. 2, n. 2, 75-84, 2002.

SOUZA, Fabrício de e RODRIGUES, Maria Margarida Pereira. A segregação sexual na interação de crianças de 8 e 9 anos. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2002, vol.15, no.3 [citado 29 Outubro 2005], p.489-496. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000300004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7972.

SPINELLI, Nilton. Posso brincar? brincadeira de menino ou menina - brinquedo e brincadeira um estudo de gênero na perspectiva da motricidade humana. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana). Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Castelo Branco.

WOODWARD, Kathryn - Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WHITAKER, Dulce - *Mulher e Homem. O mito da desigualdade*. São Paulo: Moderna, 1988.